

Dossiê: História recente da política externa da América Latina
uma questão de elites?

<http://dx.doi.org/10.34019/2594-8296.2022.v28.36134>

**A imprensa nas relações internacionais: o golpe de 1964 no Brasil como
construção midiática na Argentina**

**The press in international relations: 1964' coup in Brazil as mediatic construction in
Argentina**

**La prensa en las relaciones internacionales: El golpe de Estado de 1964 en el Brasil como
construcción mediática en Argentina**

*Helder Gordim da Silveira**

<https://orcid.org/0000-0002-3262-1149>

RESUMO: O artigo busca examinar a repercussão do golpe de 1964 no Brasil como notícia internacional na Argentina, através dos estudos de caso do diário *Clarín* e da revista *Primera Plana*. Com base no conceito de ideologia e de construção social dos acontecimentos, desenvolve-se a hipótese de que a veiculação de tais notícias, desde a posição e a atuação político-institucional da imprensa informativa empresarial, concorreu para a legitimação da solução autoritária na crise política argentina, apresentando o caso do Brasil como exemplar.

Palavras-chave: Imprensa. Ditadura Civil-Militar. Argentina-Brasil.

ABSTRACT: The article seeks to examine the repercussion of the 1964' coup in Brazil as international news in Argentina through the case studies of the newspaper *Clarín* and *Primera Plana* magazine. Based on the concept of ideology and social construction of facts, the hypothesis is that the dissemination of such news, considering the stance and the political-institutional procedure of the business press, contributed to legitimize the authoritarian solution in the argentinian political crisis, presenting the case of Brazil as example.

* Professor adjunto do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul (PUCRS). Doutor em História das Sociedades Ibéricas e Americanas pela PUCRS. É autor dos livros *Argentina X Brasil: A Questão do Chaco Boreal*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997; *Joaquim Nabuco e Oliveira: Faces de Um Paradigma da Americanização nas Relações Internacionais do Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. Pesquisa na área de História das Relações Internacionais do Brasil, com ênfase na política externa brasileira no sistema interamericano e nas relações políticas Argentina-Brasil no século XX. E-mail: helders@puers.br.

Keywords: Press. Civilian-Military Dictatorship. Argentina-Brazil.

RESUMEN: El artículo busca examinar la repercusión del golpe de 1964 en Brasil como noticia internacional en Argentina, por medio de los estudios de caso del diario *clarín* y del semanario *Primera Plana*. Con base en el concepto de ideología y de construcción social de los hechos, desarrollase la hipótesis según la cual la emisión de tales noticias, desde la posición y de la actuación político-institucional de la prensa informativa comercial, contribuyó a la legitimación de la solución autoritaria en la crisis política argentina, presentando el caso de Brasil como ejemplar.

Palabras clave: Prensa. Dictadura Civil-Militar. Argentina-Brasil.

Como citar este artigo:

Silveira, Helder Gordim da. “A imprensa nas relações internacionais: o golpe de 1964 no Brasil como construção midiática na Argentina”. *Locus: Revista de História*, 28, n.1 (2022): 64-87.

O presente artigo resulta do projeto de pesquisa que se baseia na hipótese segundo a qual o golpe de Estado e a implantação da ordem ditatorial no Brasil, em 1964, foram apresentados midiaticamente ao público leitor argentino de modo a colocar os acontecimentos no país vizinho em posição paradigmática para o país platino, na perspectiva do que se poderia denominar como uma ideologia da solução autoritária para a crise política e econômica da região, no âmbito do confronto entre fontes de poder domésticas e internacionais típicas da Guerra Fria. Destacam-se aqui o diário *Clarín* e a revista semanal *Primera Plana*.

Tal objeto de análise, a grande imprensa argentina, situa-se no fenômeno da comunicação de massa, como este se estabelece ao longo do século XIX enquanto componente da modernidade ocidental. Tal fenômeno implica “uma transmissão de mensagens de mão única, do transmissor ao receptor”. E, assim, “ao contrário da situação dialógica [...] a comunicação de massa institui uma *ruptura* fundamental entre o produtor e o receptor” (Thompson 1995, 288. Grifo no original). Assim, no circuito comunicacional dito de massa, não havendo troca sistemática de posições entre sujeitos de diálogo, instituem-se instâncias específicas de produção discursiva, por um lado, e de recepção desta, por outro, encontrando-se ambas as instâncias relacionadas por mecanismos sociais de troca ou negociação simbólicas que as tornam, cada qual a seu modo, ativas naquele circuito.

Quando, portanto, pretende-se analiticamente destacar a referida instância de produção discursiva, como aqui é o caso, devem-se considerar aquelas formas de relação, por um lado, e, por outro, as características organizacionais, as práticas discursivas e seus produtos distintivos, bem

como a cultura ou a ideologia de campo (Hall 2010) que constituem historicamente aquela instância produtiva. Nessa direção, as relações entre a imprensa informativa empresarial e seu público-leitor encontra-se centrada no conceito de *credibilidade*; a organização desta é de tipo *empresarial-capitalista*; suas práticas discursivas geram a *notícia* como produto peculiar; sua ideologia de campo fundamenta-se na *profissionalização* com vistas ao esclarecimento informativo da *opinião pública*. Para dar conta da análise destes conceitos e de sua inter-relação, por vezes contraditória, optamos pela perspectiva referente à dita “construção social da realidade”, especificamente como esta se apresenta em alguns aspectos das teorias da *agenda-setting* e do *newsmaking* (Wolf 2003; Alsina 2009; Traquina 2005; Charaudeau 2013; Sodré 2009).

Nessa direção, no que toca especificamente ao processo de construção da notícia, adota-se a concepção de Miquel Alsina a respeito do discurso e da prática jornalística como constituintes de “mundos possíveis”, articulados a um “mundo real” e a um “mundo de referência”. Assim:

[o mundo possível] será aquele mundo que o jornalista construirá levando em conta o mundo ‘real’ e um mundo de referência escolhido. Em resumo, o jornalista não pode estabelecer qualquer mundo possível, mas precisa levar em conta os fatos que ele conhece sobre o assunto que pretende relatar, e as características do mundo de referência a que os fatos o remetem. Esse mundo possível construído [...] terá as marcas pertinentes do mundo de referência (Alsina 2009, 308).

Definindo um pouco mais detidamente, “o mundo que chamamos de ‘real’ corresponderia aos fatos, aos dados e às circunstâncias que o jornalista conhece”. Ademais, “precisamos dizer que no mundo ‘real’ é onde podemos verificar o mundo possível que foi narrado”. E assim, “o hipotético mundo possível construído é confrontado com os novos dados que vão chegando sobre o acontecimento” (Alsina 2009, 308-309). Sobre o mundo de referência, complementa Miquel Alsina:

[...] os mundos de referência são construções culturais que o jornalista estabelece segundo sua enciclopédia. Diante de um determinado fato, podemos escolher entre um número limitado de mundos de referência. O mundo de referência escolhido para a explicação de um fato deve ser o que possua maior verossimilhança. Ou seja, o enunciador deve poder acreditar nele. O mundo de referência é essencial no estudo da rotina, da prática jornalística que está imersa na organização industrial comunicativa. [...] A escolha de um mundo de referência condiciona os dados futuros [do] acontecimento que serão compilados. Isto é, se começarmos por um mundo de referência devemos levar em conta alguns fatos e outros não. [...] Precisamos lembrar que o mundo de referência será a matriz para a construção do mundo possível narrado (Alsina 2009, 309).

Propomos aqui que os elementos essenciais de um mundo de referência na construção da notícia acerca do universo político compõem o que chamamos *liberalismo profissional* do campo. Trata-se de uma estrutura ideológica conformada pela naturalização da ordem socioeconômica capitalista, por um lado, e, por outro, a absolutização ética dos princípios associados ao Estado de Direito burguês, com destaque para a chamada liberdade de expressão para a conformação de uma Opinião Pública esclarecida.

As notícias, assim construídas, de um golpe de Estado no Brasil, no começo de abril de 1964, chegam à Argentina – por meio das agências noticiosas, correspondentes e enviados especiais – então presidida por Arturo Illia, no interior do contexto de democracia tutelada pelos militares, entre a deposição de Juan Domingo Perón, em 1955, pela autodenominada *Revolución Libertadora* (Spinelli 1992; 2003) e o golpe de Estado de 1966, igualmente autodenominado *Revolución Argentina*, nos quadros internacionais da Guerra Fria impactados pela revolução em Cuba (Cavarozzi 2009; De Riz 2000; Donghi 2000; Gambini 2008; Paradiso 2003; Potash 1994; Romero 2004; Scirica 2008). O presidente, natural de Pergamino, na província de Buenos Aires, fizera carreira profissional e política na província de Córdoba. Médico de profissão, exercida por longos anos em Cruz del Eje, interior cordobês, até 1963 não detinha projeção nacional condizente com o cargo que então ocupava. Fora eleito com frágeis 25% do total de votos diretos, com apoio relativamente constrangido de pequenos partidos no Colégio Eleitoral (Sánchez 1983; Pandolfi e Gibaja 2008). Seu próprio partido, a *Unión Cívica Radical del Pueblo* (UCRP), constituíra-se há cerca de seis anos, a partir da cisão da *Unión Cívica Radical* (UCR), tradicional organização partidária argentina, surgida na última década do século XIX, cujo personagem ícone, Hipólito Yrigoyen, presidira o país por duas vezes, em 1916 e 1928, liderando reformas de caráter social, econômico e institucional, as quais contestavam a ordem liberal-oligárquica fundada na exportação primária, esgrimindo as bandeiras da industrialização, do nacionalismo anti-imperialista e da incorporação dos trabalhadores, tutelada pelo Estado, à vida política do país. Vítima do golpe oligárquico-conservador de 1930, a UCR seria, nos anos 1940/50, a principal força político-partidária de oposição ao peronismo, em que pese a similaridade formal das bandeiras políticas, em seus fundamentos.

Nessa perspectiva, o governo illia, que tentava implementar um programa que se pretendia *de partido*, enfrentava forças opositoras extraordinariamente poderosas, que se localizavam em praticamente todo o espectro político do país, para as quais o golpe no Brasil certamente significava um apontar de rumos, embora em direções bem diversas, segundo o ponto de vista de quem o lia como notícia internacional, considerando as tradicionais relações de cooperação e rivalidade entre ambos os países (Scenna 1976; Bandeira 2003; Cavlak 2007; Rapoport e Laufer, 2000). Dentre tais forças, partidárias e corporativas, encontrava-se a outra fração do radicalismo, a *Unión Cívica Radical Intransigente* (UCRI), à qual se somavam, embora não necessariamente de forma articulada, socialistas, comunistas e diversos ramos de uma chamada *Nova Esquerda* (Terán 1993; Sigal 2002), bem como *demócratas* liberais-conservadores e outros setores à direita (Senkman 2001). Tais forças haviam composto o governo de Arturo Frondizi (1958-1962), baseado em uma frente política, fracassada com a intervenção militar de 1962, que incluía o peronismo e seu líder no exílio em

Madrid. A fração majoritária do Exército, liderada pelo general reformado Juan Carlos Onganía, a Marinha, a hierarquia oficial da Igreja Católica, as diversas faces do movimento estudantil, as principais organizações empresariais, como as poderosas *Sociedad Rural* e *Unión Industrial* (Míguez 2014; 2015) eram igualmente forças que se opunham a Illia. Todas propunham intervenções mais ou menos profundas na ordem institucional e socioeconômica que, em todo caso, iam bem além da política governamental, considerada em si mesma. Era o caso particularmente do primeiro foco revolucionário inspirado na experiência cubana que se instalara em Salta desde 1963. Nesse contexto, a grande imprensa informativa empresarial argentina, como se destacará adiante, em termos gerais, alinhava-se às forças oposicionistas/golpistas, caracterizando no período o que se chegou a denominar *golperiodismo*.

Clarín e Primera Plana: Dois Pilares do Jornalismo Argentino

Em 28 de agosto de 1945, com a primeira página de logotipo vermelho dominada pelas notícias referentes ao término da Guerra, com 150.000 exemplares de 20 páginas, ao preço de 5 centavos, cerca da metade daquele dos grandes diários, como *La Nación* e *La Prensa*, aparecia nas ruas de Buenos Aires o matutino *Clarín*, em formato tablóide, inspirado no inglês *The Mirror* e à semelhança do argentino *El Mundo*. Tratava-se de um empreendimento do político, jornalista e estancieiro Roberto Jorge Noble, dissidente do socialismo argentino na década de 1920. Noble, nos anos 1930, alinhando-se a grupos anticomunistas, fundara o chamado socialismo independente e chegara a ocupar a pasta de ministro do interior do governo conservador da província de Buenos Aires, presidido por Manuel Fresco.

Ao que parece, o *Clarín* representava para seu proprietário um projeto de natureza tanto política quanto comercial, confluência de campos característica, aliás, do jornalismo empresarial moderno. Para tentar superar a relativa obscuridade, por um lado, e lucrar com o empreendimento, por outro, Noble vendera uma de suas principais propriedades rurais para efetivar a compra de bobinas de papel, artigo bastante caro nas condições do pós-guerra. Assim, com um investimento inicial da ordem de 1.250.000 dólares da época, o *Clarín* surgia em sede muito modesta, na rua Moreno, com pessoal reduzido, embora qualificado e experiente, alugando as impressoras de *Noticias Gráficas* e com um futuro bastante incerto. Sobre o surgimento do novo jornal portenho, Carlos Ulanovsky afirma que:

Clarín salió a la calle con la idea de apoyar los cambios de un país tradicionalmente agrícola-ganadero que ahora aspiraba a hacerse fuerte en grandes, medianas y pequeñas industrias y a desarrollarse más dentro de fábricas que en el campo (Ulanovsky 2005, 109).

Durante o primeiro governo de Perón, segue o autor, *Clarín* construiu uma imagem pública de independência, não sofrendo controle excessivo por parte do regime que se implantava, o qual

parecia não lhe reconhecer poder de influência, em que pese o crescimento permanente de sua circulação e vendas (Ulanovsky 2005, 111-112). De resto, o *Clarín* iria atravessar a era peronista, até 1955, usufruindo dessa posição, posta como independente, em contraste inicial com os matutinos *La Prensa*, *La Nación* e *El Mundo* e os vespertinos *La Razón*, *Crítica* e *Noticias Gráficas*, que mantiveram, a princípio, posição abertamente hostil ao líder popular e sua política, desde os tempos de Perón como ministro do trabalho e previdência do governo Farrell. No pós-1955, sob a égide da tutela militar sobre o sistema político argentino oriunda da *Revolución Libertadora*, *Clarín* manteria posição estritamente legalista sob os governos Frondizi e Illia, representantes, respectivamente, das duas facções em que se cindira o radicalismo.

Ao final da década de 1950, o campo jornalístico argentino via os efeitos de um intenso processo de modernização e renovação em parte determinado pela abertura do país aos mercados e centros de informação internacionais, notadamente a partir de Frondizi como se viu. O *Clarín* não ficaria alheio aos novos tempos:

[...] los cambios llegan a *Clarín*. Conducida por Moisés Scherbor Jacoby y Luis Clur, la redación reunía a muchos consagrados de *Crítica* (...) y a jóvenes como Esteban Peicovich, Roberto Cossa, Rodolfo Rabanal y Valentin Vergara. Por decisión de Jacoby, el logo de *clarín*, hasta entonces en rojo, pasa a imprimirse en negro, pero son otras las cuestiones que dan color al diario: la sección económica que maneja Oscar García Rey y la información militar que abastece, entre otros, Enrique Ramos de Madariaga (Ulanovsky 2005, 170).

A renovada redação do *Clarín* abrigava, na virada da década de 1950, nomes que em seguida teriam enorme relevância no jornalismo argentino: Hector Ricardo Garcia, que fundaria o diário *Crónica*, Jacobo Timerman, que criaria o diário *La Opinión* e as revistas *Primera Plana* e *Confirmado*, Julio Ramos, de *Ámbito Financiero* e Bernardo Neustadt, que dirigiria *Todo*. Desse modo, o diário de Noble, que viria a falecer em 1969, afirmava-se como grande empresa jornalística em um cenário de intenso crescimento e diversificação do campo. Apesar de sofrer relativa perda na competição por publicidade, juntamente com *La Nación* e *La Prensa* no começo dos anos 60, em 1963 o *Clarín* torna-se o jornal de maior circulação na capital argentina (Longhi e Silveira 2010, 158), posição que se consolidaria nos anos seguintes.

O primeiro número da revista semanal *Primera Plana*, estampando John Kennedy na capa, aparece em Buenos Aires, em novembro de 1962, sob a presidência do já então renomado jornalista Jacobo Timerman, que liderava uma redação dirigida por Luis E. Gonzáles O'Donnell e composta por jovens e igualmente já então destacados jornalistas, como Tomás Eloy Martínez, Armando Alonso Piñeyro, Ramiro de Casabellas, Tomás Moro Simpson, Osiris Troiani, Raúl Urtizberea, Julián J. Delgado, Santiago Pinnetta, Horacio Trigall e Carlos Villar Araujo (Piñero 2002). Muitos deles marcavam uma diferença geracional no campo, determinada pela formação universitária e pelas relações de toda ordem com os campos literário e político.

Jacobo Timerman, primeiro diretor da revista e futuro ganhador do prêmio Pulitzer estadunidense, nasceu a 6 de janeiro de 1923, em Bar, uma pequena cidade da Ucrânia e chegou à Argentina em outubro de 1928. Sofrendo uma infância de privações, conseguiu concluir os estudos secundários e ingressou no curso de admissão à Engenharia, na Universidade Nacional de La Plata. Abandonou os estudos universitários e passou a sobreviver de pequenos empregos em várias cidades argentinas. Seu primeiro contato significativo com o jornalismo foi a participação na revista semanal *Qué*, geralmente apontada como precursora do estilo de *Primera Plana*, trabalhando posteriormente em *Noticias Gráficas*.

Em setembro do ano em que surge *Primera Plana*, a Argentina assistira ao dramático enfrentamento armado entre “azules” e “colorados”, as duas facções que então dividiam as Forças Armadas do país. Os “azules”, em contraste com os “colorados”, tendiam a ver no peronismo um fator de poder cujo nacionalismo cristão poderia barrar a penetração comunista, sendo, por outro lado, uma força organizada permanente e inafastável do cenário social argentino. Nesse sentido, propugnavam pela formação de nova frente política nacional, que viesse a incorporar, de forma controlada, as heterogêneas hostes peronistas e a oferecer uma saída eleitoral imediata para a crise, em que pese o recente fracasso do “frondizismo” nessa direção.

Foi exatamente um grupo de coronéis pertencente à vitoriosa facção “azul”, liderada pelo general Juan Carlos Onganía, que procurou Jacobo Timerman com o projeto de “crear un órgano ‘novedoso’, ‘moderno’ y ‘atractivo’ para la convincente difusión de su proyecto político” (Taroncher 1998, 152). Teve-se inicialmente a ideia de batizar a nova publicação com a denominação *Azul*, que foi abandonada em nome do caráter apartidário, objetivo e atual que deveria marcar o projeto jornalístico em construção. Nesse sentido, a revista deveria ser porta voz, para além das posições políticas imediatas do grupo civil-militar “azul”, da imagem e do projeto de uma Argentina “moderna”, inserida na ordem ocidental contemporânea e apta a superar os entraves tradicionais de toda sorte.

Tratava-se de inserir a nova publicação no contexto de abertura e de internacionalização econômica e cultural do pós-1955, que marcava a vida nacional, ou pelo menos de Buenos Aires e das províncias mais industrializadas. Situado nesse contexto de aguda crise político-institucional e de acelerado processo de modernização socioeconômica, o nascimento de *Primera Plana*, ao mesmo tempo que diretamente ligado à perspectiva político-ideológica “azul”,

[...] significó un punto de inflexión en el proceso de modernización del periodismo argentino; de manera significativa en el universo de la gráfica y específicamente en el de los semanarios; pero su influencia afectó al conjunto de los medios masivos nacionales” (Bernetti 1998, 1).

Assim, *Primera Plana*, suporte da ideologia autoritário-modernizadora “azul”, que culminaria no golpe de estado de junho de 1966, liderado por Onganía, do ponto de vista formal vinha a preencher o espaço ocupado pelas publicações estrangeiras junto ao público de classes média e alta na Argentina, inspirada nos moldes renovadores da chamada *newsmagazine* norte-americana, onde se podem situar *Time*, *Newsweek* e *U.S. News and World Report*, bem como as congêneres *L'Express*, francesa, *Der Spiegel*, alemã, e a italiana *Panorama*. No contexto dos anos 1960, tratava-se fundamentalmente para essas publicações de enfrentar a concorrência da televisão, ampliando o conceito de reportagem “em profundidade” e utilizando massivamente imagens, com fotografias, *charges* e ilustrações de toda ordem (Acosta 2015).

A partir dessa formatação jornalística – à qual se associava uma seleção rigorosa de profissionais, alguns dos quais acima nominados, a quem se ofereciam salários bem acima da média nacional – *Primera Plana* articulava sua posição política imediata (“azul”) à veiculação de uma perspectiva modernizadora bem mais abrangente e com vistas ao longo prazo da vida argentina. A partir dessa ótica de futuro,

[...] se (auto)presentaba como rectora de un ‘saber vivir’ urbano, de un ‘saber hacer’ cultural y de un ‘deber ser’ nacional el que se concebía integrado a un ‘primer mundo’ desarrollado, exitoso y eficiente, un mundo tal como lo querían y proponían las principales empresas multinacionales, la banca y el mundo de los negocios argentinos que anunciaban en sus páginas (Taroncher 1998, 154).

Em seus primeiros meses de existência, *Primera Plana* alcançou uma tiragem média semestral de 25.000 exemplares, a qual se elevou, ao menos até 1966, a 50.000. Neste ano, segundo atesta Elena Piñero (2002, 5), utilizando-se um coeficiente estimado de número de leitores por exemplar, aplicado a publicações semelhantes, chega-se a uma média de 300.000 leitores semanais.

Quanto à estrutura da publicação, cabe aqui destacar a relevância da seção “América y el Mundo”, após separada em duas seções, a qual “presentaba la realidad internacional desde una ‘mirada argentina’” (Taroncher, 1998, 155). Ainda nessa direção, *Primera Plana* contava com serviços exclusivos do exterior fornecidos por *L'Express*, *Enterprise*, *L'Expansion*, *Newsweek*, *Vita* e a agência *Novosti*. Eram correspondentes internacionais permanentes: Mario Vargas Llosa, em Londres, Armando R. Puente, em Madri, Cesar Fernández Moreno, em Paris, Alberto Giovanini, em Roma e Kurt Doning, em Berlim Ocidental.

Distinguindo-se assim no campo jornalístico e cultural, notadamente junto a seu público leitor, como órgão de primeira qualidade, sob as noções de renovação, modernidade e promoção do novo espírito da época, *Primera Plana* desenvolverá uma progressiva e sempre relativa autonomia em relação às posições político-partidárias mais imediatas do grupo civil-militar “azul”, sem, todavia, jamais deixar de veicular e promover formas de consenso para

[...] el proyecto político de un determinado grupo de actores cuyo objetivo era provocar un cambio estructural que permitiera la modernización y el desarrollo económico de la nación por la vía autoritaria (Piñero 2002, 3).

É assim que, fracassado o intento “azul” de constituir uma frente nacional capaz de incluir, com limitações, a um *peronismo sem Perón* e oferecer uma alternativa eleitoral viável, a eleição e o governo de Arturo Illia, apoiado inicialmente pela facção militar “colorada”, serão frontalmente combatidos por *Primera Plana* (De Riz 2000, 13-30). O semanário será um dos principais articuladores na mídia argentina de uma imagem pública acentuadamente negativa do presidente (Gringauz e Settanni 2008), associado ao provincianismo, à ineficiência, à lentidão, ao “populismo” etc. e, por extensão, ao governo, aos partidos e ao jogo político posto como tradicional (Taroncher 2009; Díaz 2007).

Os Sentidos do Golpe no Brasil Segundo *Clarín*

Na edição de 1º de abril, as notícias da crise política brasileira ocupam a primeira página do *Clarín*. Sob uma grande chamada, “Brasil en Armas”, põe-se em destaque central uma radiofoto da agência noticiosa AP, exclusiva para o periódico argentino, focando um militar do IV exército brasileiro, sediado no epicentro golpista em Minas Gerais, aparentemente armando uma metralhadora de solo, em uniforme de combate, segundo informa a legenda. Ao longo de seis páginas da edição, o diário equilibra matérias da AP, da AFP e da ANSA, dando voz aos líderes golpistas, com destaque para Magalhães Pinto, Olympio Mourão Filho e Adhemar de Barros, bem como aos pronunciamentos do governo, sobretudo do próprio Goulart.

O discurso dos amotinados reafirma os pontos essenciais da justificativa para a ruptura institucional, fundados na “comunização” iminente do país, ora liderada, ora permitida pelo presidente da república, o que coloca o golpe como ação preventiva, em nome de princípios, mais que políticos, nacionais, e mesmo civilizatórios, no interior de um mundo referencial consolidado no contexto da Guerra Fria. Os manifestos presidenciais reproduzidos mostram, por outro lado, um Goulart energicamente disposto a defender seu governo e a ordem constitucional, se necessário no plano militar, a partir do I Exército, cujo comando ordenara ações de invasão e censura a órgãos da mídia oposicionista. A Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) aparece com grande destaque, em manchetes desde a primeira página, declarando greve geral em apoio ao governo. As agências internacionais dão destaque, reproduzido timidamente no *Clarín*, à voz de um Juscelino Kubistchek conclamando à paz e à conciliação nacional, sem referir exatamente em que termos. Uma das principais manchetes da cobertura é retirada da manifestação do governador paulista Adhemar de Barros e parece informar a expectativa que se constrói: “La Lucha Puede Prologarse Varios Meses” (*Clarín*, 1º de abril de 1964, p. 5).

Juntamente com este material das agências, o *Clarín* publica na mesma edição, o primeiro texto do enviado especial ao Brasil, que, como tal, representa, segundo os fundamentos estruturais e ideológicos do campo jornalístico, uma voz “propriamente argentina”, ligada institucionalmente ao periódico e à construção da notícia internacional que por variados meios ali se opera. O texto recebe a significativa manchete “Cuando Pelean los de Arriba” (*Clarín*, 1º de abril de 1964, p. 4).

O jornalista-autor relembra inicialmente a seu leitor argentino a renúncia de Jânio Quadros, em 1961, como origem mais próxima do que põe como o presente “redemoinho” no mar da política do país vizinho. Logo a seguir, trata de construir a narrativa, de resto recorrente na imprensa, da “apatia popular” diante da extrema gravidade dos “acontecimentos”, *de arriba*:

[...] a primera vista, para un marciano que caiga en la Avenida Rio Branco, por ejemplo, aqui no pasa nada. Al hombre común parece importarle poco el momento dramático por que atraviesa Brasil, y en que posiblemente se este jugando el destino de la democracia y de las instituciones en ese país. Parece importarle poco, pero no es así: lo que pasa es que se siente impotente.

Como testemunho dessa apatia impotente, dá-se voz a um taxista carioca com quem supostamente falara o autor-jornalista, enquanto o dito personagem “se empeñaba en violar sistemáticamente, una a una, todas las normas de tránsito”, em imagem de um assim posto “espírito popular” brasileiro, construída no colorido estilo *new journalism*:

[...] qué quiere que le diga...Esto seguramente va a terminar como todas las peleas que hubo siempre entre ‘los de arriba’: uno gana, el otro pierde, y nosotros seguimos como antes. Además, yo no puedo hacer nada; bastante trabajo tengo con ganar una feijoada para mi mujer y mis cuatro hijos... Y no se olvide – nos dice al final – que en Brasil las cosas se arreglan siempre solas.

Além de construir o título, como se viu, a partir dessa suposta fala do *homem comum*, o autor constrói uma racionalização inicial sobre a crise brasileira em torno desta característica referente da vida nacional brasileira, segundo a qual as coisas “se ajeitariam por si mesmas”, sem grandes atos de vontade coletiva, a qual se incorpora ao discurso jornalístico na qualidade de um mundo referencial para o leitor argentino, onde se põe como “mais um mistério” do Brasil. Todavia, indaga retoricamente o autor, referindo-se ao momento presente: “Y el día en que no se arreglen” A resposta é significativa para uma interpretação de fundo dos acontecimentos constituídos como notícia para o leitor argentino: “Ese día temblaremos todos, porque los que temen que Brasil pueda llegar a ser otra Cuba, se quedan muy cortos: si Brasil se da vuelta, no va a ser otra Cuba; será otra Rusia, lo que es muy distinto”.

É com base nessa possibilidade catastrófica para o olhar anticomunista latino-americano, que o jornalista argentino trata de preservar sua posição *objetiva* frente à indefinição de rumos na política brasileira, afirmando que “resulta harto difícil decir quién va a salir vencedor en esta ‘cinchada’ política” e que “todos tienen un poco de razón y un poco de culpa”. Após distribuir razões e culpas entre o governo e os golpistas, o enviado especial não deixa de ser fiel ao espírito

legalista do periódico que o emprega, sustentando que “pregonar abiertamente la subversión del orden institucional, eso no tiene justificación alguna”.

A edição de 2 de abril ainda apresenta a crise brasileira dominando a primeira e mais seis outras páginas do *Clarín*. Na grande chamada em manchete que encabeça inteiramente a primeira página, lê-se: “Goulart: dispuesto a resistir la Rebelión” (*Clarín*, 2 de abril de 1964, p. 1). Abaixo, ocupando mais da metade direita da página, radiofotos da AP de Olympio Mourão Filho, chamado na legenda de “líder rebelde” e do presidente da Câmara de Deputados Ranieri Mazzili, cuja legenda vem com a indagação “otra vez presidente”. Entre ambos, uma formação de tanques em frente ao Ministério da Guerra, no Rio de Janeiro. Igualmente em grandes manchetes, o leitor argentino, em um passar de olhos pela vertical direita, fica informado dos fatos segundo os quais Carlos Lacerda anunciara a renúncia de Goulart, de que oito estados haviam se sublevado, de que houve confrontos militares no Rio, de que Goulart instalara sede de governo em Porto Alegre, capital de seu Estado natal, Rio Grande do Sul.

Nas páginas interiores, as notícias são detalhadas, sempre com base em material das agências AP, AFP e ANSA, cuja seleção pela redação do *Clarín* parece obedecer a um equilíbrio quantitativo razoável, no jogo de informações e contra-informações, entre as favoráveis ao governo e aquelas a favor dos “rebeldes”, dentro dos padrões ideológicos da *objetividade* jornalística. Todavia, por coincidência ou não, a primeira dessas páginas interiores, de número 2, é inteiramente dominada por *notícias* que tendiam a indicar a vitória golpista. A grande manchete que encabeça a página é: “Anunciaron los Rebeldes que Dimitió el Presidente y que Había Asumido Mazzili” (*Clarín*, 2 de abril de 1964, p. 2).

O texto guia inicial em destaque compõe breve narrativa, cujo teor, de fundo *informativo*, parece colocar o golpe em posição francamente favorável ao olhar anticomunista: “El Ministerio de Guerra anunció esta noche que el presidente Goulart renunció a consecuencia de la poderosa rebelión político-militar contra su régimen izquierdista”. As construções “poderosa rebelião político-militar” e “regime esquerdista” dispensam comentários nesse sentido. Importa destacar, de fato, o potencial político-ideológico de um mundo possível assim constituído pela *notícia*.

Ao longo dos parágrafos de detalhamento das informações, na mesma página, com material das mesmas agências, veem-se operações análogas. Dá-se ali voz unicamente a Carlos Lacerda - que surge na cena dos *acontecimentos* atacado pela infantaria da marinha no palácio da Guanabara, prometendo lutar “até a morte” em nome da democracia e, em seguida, na televisão, anunciando a vitória próxima e a vacância da presidência da República em virtude do “desaparecimento” de Goulart – e a Adhemar de Barros, que aparece advertindo que “la mala hierba de la infiltración comunista continúa siendo amenazadora”. No plano militar, noticiam-se os fatos alusivos à adesão

ao movimento golpista do II Exército, com base em São Paulo, e uma divisão de forças no I Exército. Com destaque, no canto superior direito da mesma página, cercado por demarcação, coloca-se texto, com base em material da AP, sob a chamada “Festearon en Copacabana el Anuncio de la Renuncia”. Se Copacabana simboliza, para um olhar estrangeiro, e mesmo nacional, um certo *espírito* do Brasil, é extraordinariamente significativa, como potencial legitimação do golpe em processo, a *notícia* assim constituída no centro dos *acontecimentos*:

[...] la noticia del derrocamento del régimen del presidente João Goulart creó esta noche ambiente de carnaval en el distrito de Copacabana. Desde las ventanas de los altos edificios la gente agitaba sábanas, toallas blancas y pañuelos. ‘Ahora nos toca a nosotros’, gritava la gente en las calles. ‘Viva Lacerda’. En la Avenida Atlántica de la playa y en la Avenida de Copacabana, la principal calle comercial del distrito, se reunieron centenares de automovilistas que tocaban las bocinas de sus vehículos. Otros millares de ciudadanos paseaban por la calle agitando banderas y emitiendo gritos de alegría. Desde lo alto de los edificios, los vecinos lanzaban nubes de papel picado de múltiples colores.

A página que se segue é composta por material das agências com teor supostamente favorável ao governo em resistência, compondo o equilíbrio informativo antes mencionado, o qual, ao sublinhar a *objetividade* do discurso jornalístico, mais reforça o potencial político das *notícias*, na direção em que vimos aqui discutindo. A página é encabeçada pela manchete “Goulart Resistirá en Porto Alegre” (*Clarín*, 2 de abril de 1964, p. 3) sob a qual põe-se o texto introdutório em destaque:

[...] el presidente y su familia salieron esta noche en avión desde el aeropuerto militar de Brasilia con destino a Porto Alegre, donde su cuñado Brizzola (sic) tiene bajo su control al Tercer Ejercito.

E segue: “Al tomar el avión, Goulart prometió que ‘luchará hasta la muerte para defender su mandato como presidente’”. Seria a última vez em que a imagem de um Goulart enérgico e decidido na defesa de seu governo apareceria nas páginas do *Clarín*. E de todos os jornais do mundo que optaram pela utilização do material da AP assim composto.

Favorecendo ainda a Goulart, o *Clarín* destaca no canto superior direito, encerrada em marcação pontilhada, a mensagem presidencial, em material da ANSA, na qual o primeiro mandatário brasileiro reafirma sua intenção de opor resistência ao golpe, bem como sublinha os projetos de reforma de seu governo e sua filiação democrática e cristã. Abaixo, em destaque, as ações de Brizola, anunciando em cadeia de rádio a fuga do governador do Rio Grande do Sul, Ildo Meneghetti, da capital do Estado, o controle legalista do III exército, a mais poderosa divisão do país. O cunhado do presidente aparece igualmente realizando comício, no qual solicitava voluntários para a defesa armada do governo e instava os sargentos a deter os oficiais em todas as guarnições do país, seguindo o exemplo da quinta divisão de cavalaria de Bagé (RS). Considerando-se a imagem já amplamente consolidada na grande imprensa de um Brizola “comunista” e “agitador”, a matéria, pondo o deputado pela Guanabara no comando prático da resistência,

certamente pode ter tido um efeito dramaticamente contrário à continuidade da ordem constitucional no Brasil, ao menos para certo público leitor argentino.

Em meio a tais notícias, compostas e distribuídas com base em material das agências, o *Clarín* posiciona em grande destaque o texto de seu enviado especial, Luis Sciutto, com título que encabeça totalmente a página: “Rio: una Ciudad en Confusión” (*Clarín*, 2 de abril de 1964, p. 4). Situando pessoalmente a análise a partir de impressões sombrias de uma chuvosa Rio de Janeiro, cuja população seria “la parte viva, tangible, de esta tragedia”, o autor trata de definir para seu público leitor argentino o que seriam os dois “bandos” em confronto na crise brasileira: por um lado,

[...] los que exigen imperiosamente la destitución de Goulart bajo la doble acusación de violar la Constitución y actuar bajo la influencia comunista; por el otro, los que se apoyan – o los que dicen apoyarse – en las legiones populares a las que el ascetismo, el desalliento y, por qué no decirlo, la desesperación, colocaron en evidente posición hacia la izquierda”.

O aparente caráter descritivo dos termos sumários da pugna assim posta não esconde, antes revela sem afirmar – o que potencializa sua provável performance – que um dos lados tem acusações diretas a apresentar; o outro constitui-se a partir de um apoio, que de resto poderia ser somente retórico, em massas populares difusas e “desesperadas”, jogadas irracionalmente, em virtude deste desespero, para certa posição política, a qual, exatamente, compõe a acusação dos primeiros... Os termos recorrentes do discurso anticomunista latino-americano aí estão, sem explicitarem-se na análise jornalística do autor, cujo texto sempre busca a condenação, tão somente, da *situación* conflitiva como um todo.

Essa direção sutil de uma provável leitura do texto é reforçada quando o autor relata a seu público o que chama de guerra radiofônica. Como só lhe fora possível ouvir a governista Rádio Nacional, Sciutto afirma que até a metade do dia anterior, a vitória de Goulart parecia certa pelos informes e manifestações que ali se ouviam. À medida, porém, que o presidente se vira forçado a deixar a antiga capital federal, “poco menos que en plán de fuga”, seus apoiadores teriam se tornado progressivamente violentos nas manifestações radiofônicas:

[...] las emisiones radiales transmitidas desde el palacio de Jango Goulart perdieron censura y se manifestaron rápidamente furibundas. Como elementos sitiados en una fortaleza y convencidos de que la resistencia es imposible los informes de Radio Nacional fueron aumentando la violencia de sus ataques. A las 14:30 se escucharon cosas como éstas: ‘Es esta una lucha de las izquierdas contra las derechas, una lucha de liberación nacional sin conciliación posible, porque en ella se enfrentan los que quieren la justicia social contra los que quieren mantener sus privilegios’.

O texto diz, sem absolutamente explicitar, que, à medida que o conflito se agudizava e Goulart perdia o controle direto sobre suas forças de apoio, o caráter *comunista* – ou *populista* ou anticonstitucional de alguma forma, ao gosto potencial de uma certa comunidade de leitores - destas forças se revelava por inteiro em sua violência política, excludente de qualquer conciliação.

E, em tom levemente irônico e sempre sem julgamento explícito de méritos ou conteúdos políticos das forças em contenda, o autor trataria de lembrar a seu público a similitude das conjunturas brasileira e argentina:

[...] para quien llega de Buenos Aires, no puede sorprenderle ni la guerra radiofónica, ni el despliegue de carros de guerra por calles y avenidas. Estábamos tan familiarizados con este tipo de entretenimiento que periódicamente se ofrecía a nuestros conciudadanos, que (...) hallamos una gran similitud fraterna entre aquellos denominados planteos y este grave trance.

A aparente leveza formal e o tom irônico do texto reforçam notavelmente a possível atuação política do discurso jornalístico, no sentido de colocar a situação crítica no país vizinho como espelho para “democracia tutelada” argentina, na qual o peronismo em suas faces partidária e sindical seguiam em atuação, não obstante a proscrição legal e o exílio do líder maior, ou mesmo como uma naturalização dos golpes de Estado, em uma certa imagem da América Latina como um todo.

Na edição de 3 de abril, o *Clarín* noticiava ao público argentino o desenlace inicial da crise no país vizinho. A primeira página era totalmente encabeçada pela manchete “Fue Deposto Goulart” (*Clarín*, 3 de abril de 1964, p. 1), vindo abaixo, juntamente com radiofoto da AP, na qual Mazzili recebe cumprimentos pela posse no Congresso, os textos introdutórios das matérias que estariam presentes em seis páginas internas. Neles informa-se que Goulart estaria em paradeiro desconhecido no estrangeiro e que fora decisiva a adesão do III Exército à “revolução”, termo que aparece pela primeira vez, ao menos nas edições aqui examinadas. A página seguinte, que abre a série de matérias sobre a queda do presidente brasileiro, novamente por coincidência ou não, confere destaque de chamada para uma grande comemoração carioca (brasileira?) em torno do desenlace da crise. A manchete que encabeça a página refere: “Brasil: Al Triunfar la Rebelión Joao Goulart Dejó Porto Alegre”. E logo: “En Río, un millón de Personas Aclamó su Caída” (*Clarín* 3 de abril de 1964, p. 2). O texto, com base em material da AP, repete a descrição de um grande júbilo popular:

[...] más de un millón de alborzados brasileños recorrió hoy las calles principales de Rio de Janeiro, en tumultuosa celebración por la caída de Goulart, y de la vitoria de los dirigentes políticos y militares que actuaron para impedir lo que calificaron como una ocupación estilo Cuba. La multitud fue la mayor que se ha visto en Rio de Janeiro en cualquier acto político, y colmaba diez quadras de la Avenida Rio Branco. [...] Lo más impresionante era el enorme número de banderas brasileñas. Uno de los grupos de manifestantes llevaba un retrato del presidente Kennedy y un emblema de la cooperación brasileña-norte-americana en la Alianza para el Progreso. [...] En un punto de la demostración cerca de veinte cuadras estaban completamente ocupadas por la gente. Algunos cálculos hicieron ascender el número de la multitud a dos millones de personas.

A construção *verossímil* dos *acontecimentos* assim posta parece emoldurar o desfecho do golpe no Brasil com um respaldo popular a ser avaliado – ou não – pelos leitores argentinos, e dos demais jornais do mundo que recepcionaram o material da AP. A cobertura da mesma edição confere

destaque, sempre com base em material das agências, ao respaldo do governo e da grande imprensa, base da ideologia da *Opinião Pública*, dos Estados Unidos à deposição do presidente constitucional brasileiro. O conjunto do material informativo a respeito é encimado pela manchete: “EE. UU. Robustecerá sus Relaciones con Brasil” (*Clarín*, 3 de abril de 1964, p. 4). A seguir, reproduz-se parte da mensagem do presidente Johnson, cumprimentando Ranieri Mazzilli e apontando para um rápido estreitamento das relações de amizade e cooperação bilaterais. As opiniões dos principais jornais estadunidenses são igualmente reproduzidas e dentre elas parece emblemática, em muitos sentidos, a do *New York Times*:

[...] una vez más el Ejército está demostrando que es el árbitro de la situación política brasileña. João Goulart es y fue siempre hombre de izquierda. Se le podía calificar de socialista de salón. Su más grande desventaja es la ineficacia sin remedio que há demostrado. Sus enemigos no pueden probar que quiso hacer pasar a Brasil al campo comunista, pero sí que llevó el país al caos.

Nota-se, pois, que as matérias *informativas* que constroem o desfecho da crise brasileira como *acontecimento* no *Clarín* – e, de resto, em inúmeros outros órgãos da imprensa empresarial latino-americana, inserida, como tal, no fluxo internacional de informações via agências – constituem potencialmente variados sentidos para o golpe de Estado: como fato respaldado por boa parte da população e, no jogo internacional da Guerra Fria, conduzindo o país a relações privilegiadas com Washington, para além do afastamento, já longamente requerido, de um presidente inapto e sujeito ao controle de forças políticas que pensava controlar. Uma indiscutível *verossimilhança* de tal mundo possível, consubstanciada pelo discurso jornalístico moderno, é, como aqui se discute, precisamente o fundamento maior de uma legitimação da solução autoritária, ao menos para certa parcela do público habilitada a uma leitura com base nos princípios mais ou menos explícitos do conservadorismo anticomunista de variados matizes de um certo mundo referencial.

Todavia, se o discurso jornalístico assim posto pode ser uma instância poderosa de construção e difusão de sentidos para a solução autoritária da crise brasileira, como um momento político supostamente de transição ou mesmo de depuração anticomunista - talvez como paradigma para crises análogas no cenário sul-americano, particularmente argentino - este mesmo discurso é, pela natureza institucional da instância que o produz e veicula, absolutamente inconciliável com o estabelecimento de uma nova *ordem*, de caráter ditatorial, que tenda a violar, pela censura e repressão extra legal sistemáticas, em longo prazo, o ordenamento básico do Estado de Direito, essencial para a própria existência institucional da grande imprensa moderna, em seu *liberalismo profissional* como fundamento discursivo básico. Não é de estranhar, pois, que boa parte da grande imprensa, no Brasil e na Argentina, a qual, direta ou indiretamente, constituiu sentidos explicativos e legitimadores para as rupturas institucionais ali postas como transitórias e *depuradoras*,

em 1955, 1964, 1966, para exemplificar, diante da conformação de regimes autoritários de longo prazo, passou a ostentar, mais ou menos rapidamente, posição francamente opositora a estes, sofrendo os efeitos em larga escala dos sistemas de censura e repressão, como largamente sabido, e constituindo-se posteriormente em ator fundamental nas chamadas *redemocratizações*.

Nessa direção, é emblemático o posicionamento do enviado especial do *Clarín* ao Brasil. Em seu primeiro texto diante do desfecho da crise que viera cobrir, na edição de 3 de abril, Luis Sciutto reafirma os termos fundamentais da construção de sentido para o golpe. Novamente *culpa* fundamentalmente Goulart, conferindo-lhe inaptidão, descontrole de suas bases de apoio excessivamente à esquerda e possível iniciativa golpista em seus derradeiros momentos na presidência, sem deixar de sugerir analogia com a situação argentina:

[...] enfrentando a Carlos Lacerda, el hombre de derecha, y apoyado por Leonel Brizzola, exaltado izquierdista teórico y además su cuñado, Jango se refugió en Porto Alegre. Se montó paralelamente una ficción de CGT, con su secretariado de profesionales que alardeaban de tener el movimiento obrero en sus manos (los argentinos conocieron este juego). Algún inspirado consejero ideó la locura de los marineros y de los sargentos. Trabajando con elementos tan endebles, Jango jugó y perdió. [...] A esta hora [...] ya habrá atravesado la frontera. Brasil con su nuevo presidente declara su libertad recuperada y su democracia restablecida. La Libertad y la Democracia: siguen siendo bellas palabras.

A frase final indicava as apreensões do autor-jornalista com os primeiros sinais de uma ordem que parecia surgir da tão bem *justificada* ruptura: o controle militar do Executivo e a ditadura. Na edição do dia seguinte, *Clarín* apresentava matéria com texto de seu enviado especial, a qual informava, em manchete, que “Oficiales de las Tres Fuerzas Exigen que se Nombre a un Presidente Militar” (*Clarín*, 4 de abril de 1964, p. 3). Em seu texto de análise da mesma edição, Sciutto, diante dos primeiros sinais da ditadura, apela para um nome que lhe parece essencial para conferir uma boa direção à ruptura institucional pela qual *culpara*, como praticamente toda a imprensa empresarial na Argentina e no Brasil, a Goulart, “más un soñador que un gobernante” (*Clarín*, 4 de abril de 1964, p. 4). O nome salvador vinha na chamada da matéria: “En la Hora de Kubitschek”. Apesar dos maus sinais, o autor ainda mostrava confiança em lideranças, que reputava democráticas, simbolizadas pelo ex-presidente, para efetivar o caráter transitório da ruptura, o que não deixa de dar uma certa continuidade à construção de sentidos para o golpe.

Todavia, na edição de 5 de abril, em seu penúltimo texto desde o Rio de Janeiro (o último seria uma extensa entrevista exclusiva com Juscelino Kubitschek, publicada na edição seguinte), o enviado do *Clarín* parece já perder esperanças com o rumo da situação brasileira, antecipando notavelmente um tipo de racionalização que tardaria ainda meses, ou anos, para aparecer de forma hegemônica na imprensa empresarial, no Brasil e na Argentina:

[...] pero apenas se disiparon las nieblas de la confusión de tras de cuyos celajes cada actor emboscó sus intenciones, queda claro que Brasil, con el pretexto de la amenaza comunista, va camino de organizar un gobierno fuerte ejercido por militares, disfrazado de constitucionalidad y de duración

sin término de tiempo. Políticos, intelectuales de las camadas arcaicas y periodistas de la máxima influencia en el sector de la victoria democrática que celebra Brasil, piden hoy la dictadura. Lo piden en otros términos: ‘todo el poder al ejército’, para que el gobierno que suceda al de Goulart esté libre de influencias políticas. Y la democracia, en cuyo santo nombre se hizo la revolución?

A manifestação do enviado especial assim fixada no *Clarín* explicita o *liberalismo profesional* do campo e não deixa de representar as formas complexas e contraditórias das muitas formas de atuação da imprensa empresarial no espaço público contemporâneo da América Latina.

***Primera Plana*: o Novo Jornalismo Apresenta o Golpe no Brasil**

Fiel às características inovadoras do Novo Jornalismo, que de muitas formas implantava na Argentina, o semanário dirigido por Jacobo Timerman enviara ao Rio de Janeiro, no final de março de 1964, um de seus chefes de redação, o já consagrado jornalista Luiz E. Gonzáles O’Donnel, para realizar entrevista exclusiva com o governador da Guanabara, Carlos Lacerda. Por feliz coincidência jornalística, portanto, *Primera Plana* contava no Rio de Janeiro com um de seus mais marcantes e talentosos redatores, desde a semana anterior ao golpe de Estado, que será assim assistido e reportado *in situ* por O’Donnel. A seção “Carta al Lector”, redigida por Timerman e que se constituía em guia de leitura do exemplar, destacava:

Luis Gonzáles O’Donnel se hallaba en Rio de Janeiro celebrando una larga entrevista exclusiva con Carlos Lacerda, uno de los hombres más discutidos de Brasil e importante promotor del derrocamiento de Goulart, como antes había sido el eficaz autor del derrumbe de Vargas y la renuncia de Janio Quadros. [...] La actualidad mundial vista por ojos argentinos iba llegando así a los lectores de PRIMERA PLANA (*Primera Plana*, 14 de abril de 1964, p. 4).

Certamente em atenção ao advento do golpe no país vizinho, a chamada para a longa entrevista com Lacerda ganhará a capa da referida edição de número 75, a segunda após o golpe no Brasil, que estampava a manchete: “Carlos Lacerda el hombre que derrocó a tres presidentes” (Idem) – ao lado de reprodução solene em *bico de pena* do busto do governador, com rosto crispado e olhar grave direcionado ao horizonte. O texto de O’Donnel, mostra-se de agilidade vibrante, recheado de metáforas e alusões vivas a variados aspectos de mundos de referência do público a que se destina, na construção das imagens cruzadas de protagonistas e figurantes na cena do *acontecimento*. É associado eventualmente ao texto da redação que apela ao discurso acadêmico de intelectuais-especialistas, em operação aqui chamada de verificação, para legitimar e objetivar racionalizações e considerações conclusivas, no melhor estilo jornalístico, enfim, de *Primera Plana*. Ter-se-á assim a construção de um mundo possível no qual o golpe no Brasil será posto para o leitor argentino na condição de referencial *fático* – e em parte paradigmático – da solução autoritário-modernizadora para a crise, sempre compatível, como se vem insistindo, com o *liberalismo profesional* do campo.

Nessa perspectiva, a cobertura de *Primera Plana* dos acontecimentos do começo de abril de 1964 no Brasil será aqui examinada em três unidades de análise complementares e entrecruzadas, mobilizando aspectos referenciais e fáticos: a imagem do Brasil construída em perspectiva histórico-sociológica frente àquela da Argentina; as diversas formas de culpabilização do regime deposto e o caráter do golpe, associado a seus protagonistas e supostas situações condicionantes.

A imagem do Brasil em *Primera Plana* é de um país com problemas históricos tão grandes quanto sua dimensão territorial. O caráter crônico de tais problemas conduziu a um estado presente de gravidade extrema, próxima ao caos, a exigir medidas de corte profundo e excepcional de sentido incerto, mas com cuja necessidade todos os setores políticos e sociais aparecem de acordo. Todavia, para tal exigência não se mostravam aptas as elites políticas postas como tradicionais, que se confrontavam e se articulavam no interior de um jogo que parecia, segundo a imagem construída, fechar-se em regras peculiares e em objetivos autocentrados, de conquista e preservação de nichos de poder, rigorosamente intrassistêmicos e sem canais efetivos de relação concreta ou eficaz com o conjunto da esfera social. Nesta, os diferentes grupos e fatores reais de poder surgem na construção discursiva padecendo de extremada descrença e afastamento em relação àquele mundo político, sempre caracterizado pela ideia central de “jogo” destituído de efetividade e eficácia concretas.

É assim que, em texto introdutório ao primeiro informe de Luis Gonzáles O’Donnel sobre a situação imediata do pós-Golpe no Brasil para a seção *El Mundo* e sob a manchete “Brasil: Siguen sin Solución los Problemas”, afirma a redação de *Primera Plana*: “desde hace vários años, Brasil es un enorme cuerpo enfermo que no logra resolver sus problemas económicos y sociales” (*Primera Plana*, 7 de abril de 1964, p. 12). Já no primeiro parágrafo do texto de O’Donnel, emerge a caracterização do Brasil como “un país que, por su extensión y la dispersión de centros de poder, por tensiones étnicas y la espantosa miseria del pueblo es llamado a menudo ‘China de América’”. A cidade do Rio de Janeiro é incluída de modo privilegiado no painel de atraso e miséria, operando no texto como palco mais concreto para o cenário brasileiro do golpe: “durante los cuatro días de casi incruentas operaciones, llovió sobre la tenebrosa Rio de Janeiro, algunos de cuyos Barrios se alunbran con velas” (*Primera Plana*, 7 de abril de 1964, p. 15).

Enquanto a intervenção militar produzia no mundo político uma ruptura cujo sentido frente à crise socioeconômica ainda estava por esboçar-se, o texto de *Primera Plana* de várias formas constrói a imagem de uma população que a tudo assiste, de forma tão distanciada e passiva quanto cética, relativamente a possíveis resultados concretos, fossem positivos ou negativos, confirmando um cenário que, como se viu, já fora estampado no *Clarín*. Nesse sentido, sustenta O’Donnel para o público argentino de *Primera Plana* que, enquanto se processava o golpe de Estado,

[...] la población del país, de 70 millones, estaba evidentemente embargada en la atención de problemas más apremiantes, como, por ejemplo, allan el modo de procurarse diariamente el plato de arroz con frijoles que permitiera sobrellevar el proceso inflacionista más agudo registrado actualmente en el mundo”. E conclui o quadro: “el pueblo, por tanto, no tenía voluntad para leer periódicos ni para apasionarse con las fintas de un Parlamento que – trasladado a medias a Brasília hace cuatro años – habita lujuriosas selvas de la Goiania, lejos de las principales ciudades.

Note-se, nessa direção, o enviado especial e chefe de redação de *Primera Plana* compondo o contraste entre o que considera como jogo político tradicional brasileiro e a suposta visão popular:

[...] los caudillos políticos y militares del Brasil gustan de abrumarse mutuamente con formidables amenazas, pero terminan negociando. ‘Fogo de palha’, decían los mulatos, levantando la mirada socarrona hacia el cielo.

Nas classes média e alta, faz crer o repórter, igualmente dominaria o mesmo estado de espírito, de ceticismo e distância calculada, em relação aos acontecimentos do universo político. Aqui o discurso apela para a estratégia típica do Novo Jornalismo, de dar voz aos figurantes cariocas, elementos postos como tipificadores da cena brasileira. Desse modo:

Jango quiere meter medo a Juscelino – opinó el sábado 28 de marzo, en Rio, Marilu Novais, una vendedora de tienda, mientras metía la cabeza en un secador de cabello en la peluquería, preparandose para el baile de la noche – después siempre se arreglan.

Na mesma direção, traços da imagem cotidiana de um chuvoso Rio de Janeiro enquanto se dava o golpe:

[...] poca gente circulava por las calles. En las esquinas, ‘garotos’ y ‘meninhas’ (sic) (muchachos y chicas) suspendían, por momentos, ancestrales juegos eróticos para escuchar sus rádios a transistores. De veras iban a chocar las tropas? La mayoría de los transeuntes se mostraban escépticos. ‘Fogo de palha’, repetían al unísono y, mientras caía, lenta, la llovizna, sentenciaban: ‘Paja mojada no enciende fuego’.

O’Donnel trataria ainda de criar breve narrativa, talvez completamente ficcional, como requer o estilo, para constituir poderosa imagem jornalística evocando um mundo possível das classes altas brasileiras no qual assoma o acontecimento do golpe de Estado. O cenário é uma mansão em Copacabana, na noite em que chegara ao Rio a notícia de que Jango deixara Brasília em direção ao Rio Grande do Sul e Lacerda fora à TV portando ostensivamente uma arma de fogo. Ocorria ali uma festa, aparentemente habitual, na qual “bohémios de classe alta apuraban la controversia ideológica entre vasos de whisky”. Comenta, não sem fina ironia, O’Donnel: “‘el comunismo intelectual’ cosecha abundantes prosélitos en ese sector. Pero ahora estaban atónitos, perplejos. Qué pretendía Jango? No habia ido demasíadamente lejos?”. E segue a narrativa, cheia da voz de seus personagens:

‘Jango es un genio político’, porfiaba todavía una joven señora con lágrimas en los ojos. ‘Fascinerosa, bolchevique!’, le gritava su suegra, sacando a relucir un escapulario. Hijo de la una y marido de la outra, el dueño de casa asumió el papel de cínico: ‘esto me hubiera encantado veinticinco años antes;

ahora tengo treinta y cinco, gano bien, cambio el coche cada dos años; la revolución social me parece una bellaquería'. Bostezó y se fué a dormir. El grupo se traslado a otro lugar para seguir bailando hasta la madrugada.

Assim, por intermédio da pena habilidosa nos jogos de estilo do Novo Jornalismo, notadamente na criação das imagens contrastantes fato-cotidiano, compunha-se para o leitor argentino a imagem de uma país em crise, com graves problemas estruturais, a exigir transformações profundas e eficientes em diversos planos da vida nacional, com um povo descrente ou afastado, de diversas formas, do jogo tradicional da elite política. Dessa composição essencial se extrairá um mundo possível contendo o sentido e a natureza do golpe de Estado, bem como as racionalizações das supostas culpas e erros de cálculo do governo deposto.

Essa imagem do país e dos diversos segmentos de sua sociedade na relação com a esfera política será complementada na edição de 21 de abril de *Primera Plana*, na qual se somarão aos textos anteriores de O'Donnell - repletos de metáforas, narrativas semi-ficcionais e referências supostamente cotidianas - interpretações acadêmicas da realidade brasileira, na operação de verificação do discurso jornalístico, discutida anteriormente.

Refere, nesse sentido, o texto de *Primera Plana* que:

Brasil es – en mas de sus dos terceras partes – un país estructuralmente conservador, en lo económico y en lo social. Es una idea muy difundida entre los sociólogos y economistas brasileños describir a Brasil como 'dos países dentro de las fronteras de uno solo' (*Primera Plana*, 21 de abril, p. 12).

Adotando assim a perspectiva acadêmica “dualista” de análise científica da realidade socioeconômica brasileira, para em seguida reforçar, a partir dela, a legitimidade de sua posição acerca da natureza do golpe de Estado no país, o texto faz referência a obras de autores então consagrados. Dentre estes, Celso Furtado, posto na condição insuspeita para as conclusões do texto como “teórico goularista”, o latinoamericanista francês, Jacques Lambert, sobre quem se destaca o fato de haver residido muitos anos no Brasil, Franklin de Oliveira e o então pesquisador da Universidade de São Paulo, Juarez Rubem Brandão Lopes. A este último, *Primera Plana* dá diretamente voz, citando artigo recentemente publicado pelo autor na revista brasileira *Senhor*. Destaca assim *Primera Plana*, apoiada em Brandão Lopes, a convivência de dois países em um só:

[...] un Brasil nuevo constituido principalmente por grandes ciudades [...] incrustado en una estructura social arcaica, constituída principalmente por toda el área restante, incluidas también las pequeñas ciudades tradicionales del interior del país.

A partir da indagação sobre como pensaria e viveria esse “Brasil arcaico”, o texto se vale novamente, em clássica operação verificadora do discurso jornalístico, da autoridade acadêmica de Brandão Lopes para registrar, em tom weberiano, que “esencialmente se trata de una estructura paternalista, de poder y autoridad no racional, sino tradicional”. Difunde-se desse modo em

linguagem jornalística a tese sociológica clássica, segundo a qual, nesse mundo arcaico, o caráter essencial das relações do *povo* com as elites seria pessoal e paternalista.

Primera Plana evoca assim a autoridade genérica e potente de “los estudiosos brasileños” para veicular tese associada àquela, e não menos clássica, pela qual se sustenta que:

[...] casi todos los contenidos psicológicos de esa estructura 'nacional' 'paternalista' han sido trasladados, en buena medida, aun a la vida de las grandes ciudades modernas, a las islas de riqueza y progreso.

A partir dessa base de legitimidade fornecida pelas teses acadêmicas acerca do assim posto “populismo” brasileiro, o discurso jornalístico da revista argentina pode enfeixar a racionalização sobre a “passividade” diante do golpe, apresentada mesmo pelos grupos aparentemente mais comprometidos com o regime deposto:

[...] también en los sindicatos y en las izquierdas, entre los sargentos rebeldes y entre los obreros de la moderna industria de San Pablo, la conducción y la estructura del poder son paternalistas: cuando Goulart y los amos izquierdistas fueron derrotados, las masas, sencilla y desinteresadamente, como los vasallos que e la edad media contemplaban los combates entre caballeros, se abstuvieron de tomar partido activamente y terminaron por aclamar a los nuevos amos.

Deriva daí um mundo possível em que se situa o “erro” político essencial cometido pelo governo deposto, o qual não teria residido absolutamente no ímpeto reformista em si:

[...] el básico error de Goulart, lo que echó por tierra con su régimen y lo condenó al exilio, fue la intenciona de romper las reglas del juego político entre las minorías dirigentes: algo así como llamar a los vasallos a empuñar armas y tomar partido en el torneo. Por cierto, ni las otras minorías ni, en lo íntimo, los mismos vasallos pudieron perdonárselo.

Na mesma raiz explicativa encontra-se, então, a caracterização da natureza do golpe como uma saída “realista, conservadora, mas não reacionária”, para a crise estrutural e conjuntural do Brasil e, possivelmente, como única possibilidade real de implantação de reformas necessárias de longo alcance social – sem ineficazes e equivocadas formas de mobilização política - ou ao menos de uma depuração prévia da ordem política para tanto. Desse modo, a intervenção das Forças Armadas ocorrera “para restablecer las reglas del juego o, lo que en terminos de ciencia política es equivalente, para *conservar* la constitución real del Estado, ya que no la constitución escrita” (grifo no original).

Note-se o caráter essencialmente formal conferido à Constituição escrita, posta diante de uma suposta realidade nacional profunda, a ser levada em consideração por qualquer projeto que se pretendesse eficaz diante da igualmente profunda “crise”. Sem dúvida, a situação brasileira assim constituída como notícia internacional, para o público argentino de *Primera Plana* concorreu para reforçar de modo significativo um mundo possível no qual se sobressaía a potência da solução autoritário-modernizadora preconizada pelo semanário, conforme discutido.

Nessa direção, O'Donnel já havia explicitamente referido, em texto da edição anterior, que, nos novos rumos da ordem política brasileira, “los generales tendrán la última palabra”. Entretanto,

[...] lo que se puede vaticinar es que en la política y en el Ejército tunfará quien encarne nuevamente el nacionalismo brasileño y la conciencia de una inevitable reforma social. Pero que no se equivoque sobre la forma y el momento de hacer las cosas” (*Primera Plana*, 7 de abril de 1964, p. 15).

O discurso poderia perfeitamente referir-se à Argentina de Arturo Illia.

Diante do que denomina “desconfiança ideológica” que o novo regime brasileiro despertava em parte da imprensa internacional, sobretudo latino-americana, bem como frente ao que caracteriza como “las más extremas interpretaciones para juzgar a la revolución [brasileira]” – desde a Rádio Moscou, que falava em “nazismo brasileiro” até a revista *Time*, que saudava a “revolta contra o comunismo” –, *Primera Plana* dará visibilidade à fala e a uma certa caracterização da figura de Humberto Castelo Branco, sempre construindo o sentido da ruptura institucional brasileira como saída “realista, conservadora e não reacionária” para uma crise com raízes profundas.

Nesse sentido, confere-se grande destaque ao fato de o marechal brasileiro ser “uno de los pocos jefes militares latinoamericanos que en la Segunda Guerra Mundial pelearon contra los nazis”. Torna-se visível, de igual forma, parte destacada da manifestação pública de Castelo Branco, feita a 15 de abril, na qual o marechal referia que “nos consta que el remedio a los males de la extrema izquierda no será, sin duda, hallado en el refugio de una extrema derecha reaccionaria” (*Primera Plana*, 21 de abril de 1964, p. 12).

O entrecruzamento de falas e imagens de figuras protagonistas, diretamente envolvidas no acontecimento noticiado, com imagens e falas de “pessoas comuns”, imersas em ações cotidianas, associado à mobilização legitimadora do discurso acadêmico vão compondo o notável painel jornalístico no qual o Golpe, como acontecimento, encontra pleno sentido ao ser inserido em um mundo possível nacional. *Primera Plana* constituía a atualidade brasileira, assim como o fizera *Clarín*, como um grande espelho para a Argentina, ainda que com distorções inevitáveis de imagens.

Referências bibliográficas

Acosta, Marina. “La Modernización del Periodismo Gráfico em Argentina Durante las Décadas del Sesenta y Setenta. Los Casos de Primera Plana, La Opinión y Crisis”. *Revista Académica de la Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social*, n. 90 (2015).

Aelo, Oscar H. e Branda, Pablo P. “La Revolución Cubana en el Diario Argentino *La Nación*. Euforia, Decepción, Condena (1959-1962)”. *Estudios Ibero Americanos*, 35, n. 2 (2009): 105-126. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2009.2.4046>

Alsina, Miquel R. *A Construção da Notícia*. Petrópolis: Vozes, 2009.

Bandeira, Moniz. *Brasil, Argentina e Estados Unidos: Conflito e Integração na América do Sul (da Tríplice Aliança ao Mercosul, 1870-2003)*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

- Bernetti, Jorge Luis. “El Periodismo Argentino de Interpretación en los Años 60 y 70. El Rol de *Primera Plana* y *La Opinión*”. IV Congreso ALAIC, Recife, Brasil, setembro de 1998.
- Cavlak, Iuri. “As Relações entre Brasil e Argentina no Início da Guerra Fria”. *História: Debates e Tendências*, 6, n. 2 (2007).
- Cavarozzi, Marcelo. *Autoritarismo y Democracia (1955–2006)*. Buenos Aires: Ariel, 2009.
- Chalaby, Jean. “O Jornalismo Como Invenção Anglo-Americana. Comparação entre o Desenvolvimento do Jornalismo Francês e Anglo-Americano (1830-1920)”. *Mídia & Jornalismo*, 3 (2003): 29-50.
- Charaudeau, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2013.
- De Riz, Liliana. *La Política en Suspense 1966/1976*. Buenos Aires: Paidós, 2000.
- Díaz, Marcela. “Industrias Culturales y Formas de Identificación Política. *Primera Plana* y su Rol en la Caída de Illia”. Em *El Gobierno de Arturo Illia y la Restauración Institucional: Las Relaciones Económicas Internacionales y la Crisis de Gobernabilidad, 1963-1966*, org. Maria de Monserrat Llauro. Buenos Aires: Ediciones Cooperativas, 2007.
- Donghi, Tulio H. *La Democracia de Massas*. Buenos Aires: Paidós, 2000.
- Gambini, Hugo. *Historia del Peronismo: La Violencia (1956-1983)*. Buenos Aires: Vergara, 2008.
- Gringauz, Lucrecia e Settani, Sebastián. “Un modesto galeno pueblerino. la construcción de la figura de Arturo Illia en Clarín y La Nación”. *Question/Cuestión*, 1, n. 18 (2008).
- Hall, Stuart. “A redescoberta da ideologia: o retorno do recalcado nos estudos de mídia”. Em *Mikhail Bakhtin: Linguagem, Cultura e Mídia*, org. Ana Paula G. Ribeiro e Igor Sacramento, 279-329. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- Longhi, Raquel R. e Silveira, Mauro C. “A convergência de linguagem nos especiais do Clarín.com”. *Revista de Estudos da Comunicação*, 11, n. 25 (2010): 157-166. <https://doi.org/10.7213/rec.v11i25.22338>
- Míguez, Maria C. “La Sociedad Rural Argentina y el Golpe de Estado de 1966: el Accionar Político de una Corporación Económica”. *Cadernos de Estudos Sociais e Políticos*, 3, n. 6 (2014): 20-39.
- Míguez, Maria C. “La Unión Industrial Argentina y el Gobierno de Illia. Los Sectores Civiles y el Golpe de Estado de 1966”. *H-industri@*, 9, n. 17 (2015): 64-91.
- Paradiso, José. *Um Lugar no Mundo: A Argentina e a Busca de identidade Internacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- Pandolfi, Rodolfo e Gibaja, Emilio. *La Democracia Derrotada: Arturo Illia y su Época*. Buenos Aires: Lumiere, 2008.
- Piñero, Elena T. “Medios de Comunicación y Representación Política: el Caso de Primera Plana (1962-1966)”. *Temas de Historia Argentina y Americana*, n. 1 (2002).
- Potash, Robert. *El Ejército y la política en la Argentina, 1962-1973*. Buenos Aires: Sudamericana, 1994.
- Rapoport, Mario e Laufer, Rubén. “Os Estados Unidos Diante do Brasil e da Argentina: os Golpes Militares da Década de 1960”. *Revista Brasileira de Política Internacional*, 43, n. 1 (2000): 69-98. <https://doi.org/10.1590/S0034-73292000000100004>
- Romero, Luis A. *Breve Historia Contemporánea de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004.
- Sánchez, Pedro. *La Presidencia de Illia*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1983.
-

- Scenna, Miguel. *Argentina-Brasil. Cuatro Siglos de Rivalidad*. Buenos Aires: La Bastilla, 1976.
- Schudson, Michael. *Descobrimdo a Notícia: Uma História Social dos Jornais nos Estados Unidos*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- Scirica, Elena. “Proscripción, Modernización Capitalista y Crisis. Argentina (1955-1966)”. Em *Historia Argentina Contemporánea: Pasados Presentes de la política, la Economía y el Conflicto Social*, org; Mabel S. Scaltritti *et al.*, 213-250. Buenos Aires: Dialektik Editora, 2008.
- Senkman, Leonardo. “La Derecha y los Gobiernos Civiles, 1955-1976”. Em *La Derecha Argentina: Nacionalistas, Neoliberales, Militares y Clericales*, org. David Rock *et al.*, 275-320. Buenos Aires: Vergara, 2001.
- Sigal, Silvia. *Intelectuales y Poder en Argentina. La Década del Sesenta*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2002.
- Sodré, Muniz. *A Narração do Fato: Notas para Uma Teoria do Acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- Spinelli, Maria E. “La construcción del Frente Nacional en la Argentina post-peronista, 1955-1958. ¿Una estrategia electoral o un proyecto político modernizador?”. *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, 3, n. 1 (1992): 93-108.
- Spinelli, Maria E. “Ideas Fuerza en el Debate Político Durante los Años de la Libertadora, 1955-1958”. *Estudios Sociales*, 24, n. 1 (2003): 61-88. <https://doi.org/10.14409/es.v24i1.2504>
- Thompson, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: Teoria Social Crítica na Era dos Meios de Comunicação de Massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- Taroncher, Miguel A. “Un Caso de Renovación Periodística en la Argentina de los Años Sesenta: La Revista Primera Plana”. *Estudios Ibero-Americanos*, 24, n. 2 (1998): 143-167. <https://doi.org/10.15448/1980-864X.1998.2.27258>
- Taroncher, Miguel A. *La Caída de Illia: La Trama Oculta del Poder Mediático*. Buenos Aires: Javier Vergara, 2009.
- Terán, Oscar. *Nuestros Años Sesentas. La Formación de la Nueva Izquierda Intelectual Argentina, 1956-1966*. Buenos Aires: Imago Mundi, 1993.
- Traquina, Nelson. *Teorias do Jornalismo: Porque as Notícias São Como São*. Florianópolis: Insular, 2005. v. 1.
- Ulanovsky, Carlos. *Paran las Rotativas: Diarios, Revistas y Periodistas (1920-1969)*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2005.
- Wolf, Mauro. *Teorias das Comunicações de Massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Recebido: 10 de novembro 2021
Aprovado: 17 de fevereiro de 2022